

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Negó Bispo)

Entrevistadores

Edgar Rodrigues Barbosa Neto

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Brasil

edgar.barbosa.neto@gmail.com

lattes.cnpq.br/6722390835702727

orcid.org/0000-0002-4716-7145

Natalino Neves da Silva

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Brasil

natalgerais@gmail.com

lattes.cnpq.br/8701722710780673

orcid.org/0000-0002-1746-8713

Walter Francisco Figueiredo Lowande

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG.

Brasil

walter.lowande@unifal-mg.edu.br

lattes.cnpq.br/9442400560888745

orcid.org/0000-0001-5137-1352

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0601>

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

A entrevista abaixo foi realizada, de forma virtual, no dia 6 de maio de 2023 com Antônio Bispo dos Santos. Dela, participaram Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva e Walter Francisco Figueiredo Lowande, organizadores do Dossiê “Perspectivas contra-coloniais e ecologias antirracistas em tempos de catástrofes planetárias”, segundo Dossiê publicado na Revista PerCursos neste ano de 2023¹.

Entrevista

Entrevistador (Edgar): O dossiê no qual esta entrevista será publicada trata das questões associadas ao que nós chamamos de “Perspectivas Contracoloniais e Ecologias Antirracistas em Tempos de Catástrofes Planetárias”. Há muitas palavras nesse título e pelo menos uma delas está diretamente relacionada com o teu pensamento. Nesse sentido, para começar a entrevista, gostaríamos de ver como o resumo que redigimos pode dialogar com as tuas ideias.

“As lutas emancipatórias realizadas por diferentes movimentos sociais revelam que os desafios socioambientais apresentados pelo mundo contemporâneo requerem abordagens onto-epistemológicas produzidas sobretudo a partir de uma perspectiva contracolonial. A esse respeito, algumas das principais reivindicações feitas pela Coalizão Negra por direitos durante a COP 26 tratam do direito das populações tradicionais à terra, da efetivação da titulação de terras quilombolas e da construção de uma política de desmatamento zero e de controle do aquecimento global. O evento contou ainda com a participação de mais de quarenta lideranças indígenas brasileiras, a maioria mulheres, que reivindicam, entre outras coisas, a demarcação de terras, a redução do desmatamento das florestas em territórios indígenas e justiça socioambiental. As evidências 7e que os sistemas biofísicos da Terra estão se alterando de forma irreversível têm se acumulado de maneira vertiginosa nos últimos anos. Se hoje não há dúvidas de que as atividades humanas nos conduziram a condições não análogas às do Holoceno, pondo em risco a

¹ Fernanda Cristina de Oliveira e Silva, Elisa Sampaio de Faria e Aline Domingos Corrêa, junto com Antônio Bispo dos Santos, fizeram uma leitura coletiva da entrevista que agora publicamos. Agradecemos a elas pela disponibilidade e generosidade. Agradecemos especialmente a Antônio Bispo dos Santos por compartilhar conosco as suas palavras, desejando que elas possam ter encontrado nesta conversa um meio favorável à continuidade do seu replantio.

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

vida existente no planeta, muito ainda se tem debatido sobre a repartição assimétrica dos seus efeitos e a respeito do que fazer em relação a tudo isso. Parte significativa da grade de leitura que orienta essa discussão parece, com frequência, tributária da mesma perspectiva ontológica da qual deriva a visão de mundo patriarcal, colonialista, racista e capitalista que produziu esses desarranjos globais. Neste dossiê desejamos reunir pesquisas ou revisões bibliográficas que abordem esses temas considerando os seus efeitos em experiências concretas, tais como o racismo, transformações biogeofísicas em ecologias situadas, elaborações cosmológicas afrodiáspóricas, indígenas e de outras populações tradicionais, bem como os aspectos teóricos implicados na descrição de todos esses fenômenos, como aqueles que envolvem, por exemplo, a ciência do Sistema Terra e a teoria da interseccionalidade”.

Antônio Bispo: Quando escrevemos contracolônização, biointeração, saberes orgânicos, saberes sintéticos, limites, fronteiras, cosmofofia, desenvolvimento, envolvimento, nós escrevemos com várias intenções. Uma delas, por conta da minha atuação no movimento sindical e nos partidos, é a necessidade de sair da mesmice do ponto de vista dos vocabulários e do ponto de vista dos repertórios. O que ocorria? Eu me sentia muito confuso porque o repertório do movimento sindical e o repertório patronal eram muito parecidos. O movimento sindical responsabilizava o neoliberalismo e o capitalismo e o movimento patronal responsabilizava o socialismo. Era coisa muito parecida. E aí ambos concordavam que a democracia era um meio necessário, que a educação, mais do que um meio, era a solução. Ambos concordavam com muitas coisas. Eu comecei a me perguntar: que briga é essa? Que briga é essa em que todo mundo concorda com um repertório, todo mundo tem um repertório comum? E esse repertório era muito violento, muito forçado. A gente tinha que dizer que estava dentro daquele repertório, mesmo não se sentindo bem. Por exemplo, eu nunca tive um patrão na roça. Tive um patrão quando fui à cidade e não gostei, tanto que não fiquei lá. Então, se a minha trajetória não é uma trajetória de empregado e não é uma trajetória de patrão, por que eu tinha que me dizer trabalhador?

Eu sempre gostei da palavra lavrador. Lavrar eu acho muito bacana. E então eu pensei: se eu estou incomodado com esses repertórios, por que eu não apresento outros

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Negro Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

repertórios? E assim, quando foi para escrever o livro, eu me lembrei de apresentar esses outros repertórios naquilo que chamo de Guerra das Denominações². Mas também me bateu uma coisa muito bacana. Qual é essa coisa? Ora, se eu digo que o capitalista e o socialista não vão se entender, alguém dos dois tem que morrer, alguém tem que desaparecer, ou é preciso criar outros muros de Berlim. Cada quem tem que viver no mundo, há de acontecer um isolamento. Então eu pensei: mas ambos se dizem humanos, são muito parecidos. Será que não há um elo, uma ligação? Será que não há um relacionamento? E onde pode estar esse relacionamento? Pode ser que se encontre uma palavra ou algumas palavras com as quais essas pessoas dialoguem, mas respeitando o território das outras pessoas. Que essas palavras sejam palavras germinantes, mas não sejam palavras determinantes! Elas germinam, mas elas não determinam. E foi então que vieram essas palavras que eu acabei de citar.

Eu acreditava que a biointeração seria essa palavra. Eu acreditava que a biointeração ia ser uma fronteira, um espaço de diálogo entre todos os povos, como uma palavra germinante e não como uma palavra dominante ou determinante. Ela até que deu conta disso, mas quem mais deu conta foram as confluências. E aí você sabe muito bem que um dos momentos em que a confluência mais se evidenciou foi naquela vez que nós nos encontramos na UFMG³. Mas, depois, o contracolonialismo também aconteceu como uma palavra muito potente. E agora para falar do racismo. O antirracismo é um bom debate, mas é também um debate muito complicado, porque eu vou dizer: “tu é branco” e tu vai dizer: “tu é negro”. Tu é branco, tu é negro. Tudo bem. Mas onde é que nós vamos estabelecer uma fronteira entre o branco e o negro e não um limite? Uma fronteira e não um isolamento. Por que nós temos que isolar o branco do negro ou o negro do branco? Tanto é que quando foi assassinado aquele moço lá nos Estados Unidos, que puxaram essa campanha “Vidas Negras Importam”. Não sei se você lembra, mas eu atendia o celular dizendo “salve, salve”, e então eu mudei e falei: “olha, não, não são apenas as vidas negras que importam, todas as vidas importam.” E aí eu mudei, tanto que hoje eu atendo o celular dizendo “vivas”. Hoje eu cumprimento as pessoas dizendo

² Antônio Bispo se refere ao seu livro “Colonização, Quilombos: modos e significações” (INCTI, 2015 e 2019).

³ Antônio Bispo dos Santos foi um dos professores do Curso Confluências Quilombolas Contra a Colonização ofertado em 2017 pela Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG.

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

“vivas”, porque fui compreendendo que dizer “vivas” traz uma animação, traz um chamamento. Eu aprendi a dizer “vivas” porque todas as vidas são necessárias. Estou colocando isso para dizer que a gente vai pautando as coisas, e vi que o antirracismo estabelece um limite e não uma fronteira.

Se você observar bem, em todas as vidas há diversidade. No entanto, colonialismo só existe nas vidas ditas humanas. Por exemplo, eu que sou mais velho que vocês, conheci uma grande variedade de mangas. E as mangas de espécies diferentes não guerrearam entre si. Por incrível que pareça, foram os humanos que colonizaram as mangas. Quando você entra no supermercado, você encontra no máximo duas variedades de manga e olhe lá. Mas não foram as mangas que se eliminaram, não foram elas que estabeleceram o limite, foram os humanos que se intrometeram na vida. E assim foi com a maioria dos vegetais. Nós tínhamos em cada espécie vegetal uma variedade, na banana, na manga, no caju, no pequi, em tudo você tem uma variedade, uma diversidade. Mas os humanos foram transformando isso em um modo universal, em uma maneira única. O colonialismo não alcança só os humanos, não é uma ação interna aos humanos. Ele alcança todas as vidas e todas as vivências. Por isso o contracolonialismo é um chamamento de fronteira. Eu acho que esse resumo que você fez é bom porque é diverso, não é mono. Existem várias maneiras de você praticar o contracolonialismo. O colonialismo sim é mono. Mas o contracolonialismo não. Você pode contracolônizar diversificando o seu pomar, ou pode contracolônizar, como no meu caso, diversificando o meu rebanho de caprinos. Nós tivemos uma variedade enorme de caprinos, mas há uma campanha para que seja um só. Todas as ovelhas têm que ter o corpo branco e a cabeça preta, não ter chifre e nem rabo. Eles até nascem com chifre, mas as pessoas vão lá, queimam o chifre e cortam o rabo. É fazer tudo igualzinho, como se fosse clonado. O fato de você criar uma diversidade de ovelhas, ovelhas pretas, brancas, vermelhas, peludas, sem pelo, é também contracolônizar. É permitir que outras variedades de animais vivam, que não seja só o cabeça preta. É isso, discutir o antirracismo é válido, cada quem discute aquilo que dá conta, mas eu acho que o contracolonialismo é mais fronteiroço e o antirracismo mais limitante⁴.

⁴ Na segunda edição revista e ampliada de seu livro “Colonização, Quilombos: Modos e Significações” (ver

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

Entrevistador (Edgar): Penso que essa atenção aos repertórios tem a ver com a tua maestria com a palavra. Quando você observa que uma das armas do colonialista é dar nome, você faz uma diferenciação que eu acho muito importante, que é a diferença entre palavras vivas e palavras vazias, palavras sem vida. Mas você diz que mesmo no caso dessa palavra sem vida, desse nome feito para atacar, a ancestralidade entra nessa palavra e pode movimentá-la a favor. E agora você nos diz que gosta da palavra lavar, lavrador. Eu lembro que já ouvi você dizer que lava palavras, que todas as palavras já existiam, mas que você conseguiu replantar algumas. Contracolonizar é também replantar as palavras com a força da ancestralidade, não? Contracolonizar tem a ver também com ser capaz de replantar até mesmo a palavra que foi feita para nos destruir?

Antônio Bispo: E muito! Nas últimas eleições, aconteceu comigo uma cena muito, vamos dizer, impactante. Eu estava em Canindé, distrito do município de Cachoeira, na Bahia. E lá eu estava hospedado na casa de uma família que conhecia pela internet, a gente tinha até trabalhado juntos numa revista, mas não tínhamos nos encontrado pessoalmente. Agora a parte fantástica. Cheguei lá, tinha uma cachacinha, mas não tinha cerveja. Convidei alguém da família para ir comigo num barzinho comprar uma cerveja porque eu não conhecia o lugar.

Na hora em que nós entramos no bar, eu fui até o pé do balcão e pedi uma cerveja. Nisso, levantou um senhor que estava sentado no canto do bar, era um bar grande, tradicional, em que cada pessoa já tem o seu lugar de beber. Ele chegou perto de mim e disse: “olha, eu sou caminhoneiro, bolsonarista e estou achando você muito parecido com o Lula. Você é ladrão igual ao Lula?” Eu olhei para todo mundo no bar, vi o semblante das

nota 2), Antônio Bispo dos Santos distingue “limite” e “fronteira” da seguinte forma: “Eu cheguei junto com vocês, andando com vocês, respeitando a fronteira. Esta é a questão. O saber orgânico anda com o saber sintético respeitando a fronteira. O saber orgânico chega na fronteira, e a fronteira para o saber orgânico é um espaço de diálogo. Então, cada vez que nós encontramos um outro saber a gente dialoga com ele, na boa. Se precisar aprender a gente aprende. Mas aprender aquele outro saber não significa que a gente perdeu o nosso, a gente estendeu o nosso saber. A gente enriqueceu, e agora a nossa fronteira é mais à frente um pouco. É até o outro saber que a gente não sabe. O saber sintético é diferente. Quando ele chega na fronteira, ele não tem fronteira, ele tem limite, e ele não consegue dialogar com outro saber. Então o nosso saber é um saber do diálogo e o saber sintético é um saber do conflito. Quando ele chega no outro saber ele puf!, não reconhece o outro saber, não dialoga e chega no limite. Então, como é que eu cheguei neste lugar junto com todos nós aqui [a sala de aula da UnB]? Vocês viram que esses conceitos, eles vão se construindo segundo as nossas conversas. Às vezes eu tenho a felicidade de chegar primeiro em um lugar e esperar os outros que ainda não chegaram. Mas também às vezes eu chego e vocês já chegaram e eu respeito quem chegou” (Bispo, 2019, p. 91).

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

peessoas, uns tensos, outros tentando sorrir. Tinha a torcida do cara que era daquele lugar e tinha aqueles que estavam querendo ver o impacto.

Eu virei para ele e falei: “moço, Lula perdeu para mim e foi feio. Lula roubou e foi preso. Eu sou ladrão e estou solto”. Ele disse: “deixa eu ver as suas mãos”. Eu imediatamente dobrei os dois dedos mínimos, botei as mãos em cima do balcão e falei: “olha, o Lula perdeu de novo. Ele cortou só um dedo, eu cortei dois”. Então ele disse: “o senhor é muito engraçado, posso beber com o senhor?” Eu falei: “Olha, desde que você se afaste um pouco de mim, você está muito perto. Aí nessa distância que o senhor está, se o senhor tiver algum dinheirinho no bolso, daqui a pouco não tem mais nada, porque minhas mãos já estão coçando. Depois o senhor não venha dizer que não lhe avisei. Portanto, se o senhor quiser beber comigo, o senhor pode, mas o senhor se afaste um pouco”. O cara se afastou. Quando ele se afastou, eu pensei: “olha, eu estou dominando, e já que estou dominando vou embora antes que o caso engrosse aqui para mim”.

Perguntei, então, para o dono do bar quanto era a cerveja. “Sete reais”, ele respondeu. Eu disse: “se você quiser um dinheirinho bom da casa da moeda, eu pago sete, mas, se você quiser um dinheirinho bom da minha casa, eu pago catorze”. “Não, pague sete mesmo”. Eu voltei para o moço: “o senhor está vendo? Lula perdeu de novo. Lula só aprendeu a roubar. Eu aprendi a roubar e aprendi a fazer. Traga minha conta, senhor”. O moço disse: “mas eu queria pagar uma cerveja para você”. “O senhor está me achando com cara de beber apenas uma cerveja, rapaz? Olha, duas cervejas na conta desse rapaz, as sete na minha conta e até logo”. Peguei a cerveja que já estava na sacola e fui embora. Resultado: eu peguei as palavras do moço, aquelas que me convinham, e fui replantando imediatamente. Ele não veio com semente de palavras, veio com mudas, com palavras que já eram mudas. Só precisava fazer o replantio. Então eu aproveitei e, usando as mesmas palavras dele, tipo “ladrão”, eu acabei tomando duas cervejas por conta dele. Contracolonizar é, de fato, você replantar as palavras. Agora, é replantar com muita sagacidade! Não é só replantar, é replantar em espaços que você sabe que vai germinar. É você replantar em espaços que sabe que alguém vai fazer os tratamentos, que alguém vai fazer o manejo. Mas você tem razão: é uma das maneiras mais fantásticas de contracolonizar, exatamente plantando e replantando palavras.

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Negro Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

Entrevistador (Natalino): Seguindo nessa direção, hoje na universidade a gente tem visto, e você sabe muito bem disso porque circula nesse espaço, uma juventude negra que tem entrado, acessado esse espaço por meio das políticas de ações afirmativas, de cotas sociorraciais. E essa juventude, diferentemente da nossa geração – e eu entrei um pouco mais velho na universidade – tem buscado replantar essas palavras, exigindo uma nova postura de nós professores e professoras diante da situação colonial, desse colonialismo que está dentro da nossa própria cabeça. Eu queria te escutar um pouco mais sobre uma reivindicação que esses jovens têm colocado, muito atrelada a essa discussão que os movimentos sociais, em específico o movimento negro, vem pautando, que é a dimensão do racismo ambiental. Essa juventude tem também, de diferentes formas, buscado replantar, reflorescer outras formas de ativismo, de militância, tendo em vista que essa dimensão ambiental do racismo afeta a vida, sobretudo porque muitos desses jovens que ingressam na universidade são quilombolas, moradores de vilas e de favelas, muitas vezes afetados pelas condições de saúde, sanitárias. Há aí, a gente sabe, questões de corpo, de localidade, de residência, de classe e por aí vai. Eu queria te escutar um pouquinho a respeito dessa nova forma de replantar as palavras, mas na relação com esses novos jovens que chegam com uma potência muito grande e colocando questões para nós, questões vinculadas com essa dimensão ambiental.

Antônio Bispo: Hoje eu posso lhe dizer que não sou um historiador, até porque não sou mesmo, mas eu sou uma pessoa de fronteira. Eu sou um relator de trajetórias. Não sou um historiador, mas atuo muitas vezes como um relator de trajetórias. E eu tive a alegria, a partir de 2015, de começar a visitar as universidades. Até 2015, eu não conhecia as universidades. Comecei a visitar e tenho testemunhado a história. Eu tenho relatado as trajetórias e me sinto uma testemunha da história. O que eu vi? Eu vi um acontecimento fantástico que foi, em muitos lugares, o apocalipse. Em 2002, eu ganhei de presente um livro chamado “Erosão, Transformação Tecnológica e Concentração do Poder Empresarial” de Pat Roy Mooney⁵. Esse livro falava sobre o impacto das novas tecnologias no mundo como um todo. O autor desse livro é um pesquisador que escreve

⁵ MOONEY, Pat Roy. *O Século XXI: erosão, transformação tecnológica e concentração do poder empresarial*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Negro Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

sobre o impacto da tecnologia. E quando eu li esse livro, fiquei impactado com o que ele escreveu sobre nanotecnologia e não sei o que mais. Ele dizia que aquilo que tinha escrito aconteceria, na visão de alguns cientistas, em trinta anos, na visão de outros em cinquenta e, ainda para outros, em cem. Boa parte aconteceu em vinte. Muito do que ele escreveu já aconteceu e aconteceu antes dos trinta anos.

Quando eu falo do apocalipse é porque até 2015, por onde eu andava, se discutia muito reforma agrária, democracia, socialismo, capitalismo, neoliberalismo. Se discutia muito Cuba, União Soviética, Alemanha, Brasil, Estados Unidos e não sei mais o quê. Era um debate dentro da mesma sociedade a partir dos mesmos princípios, e a partir de um princípio fantástico que é o mundo do trabalho. Porque tanto o marxismo como o neoliberalismo e o capitalismo se sustentam no mundo do trabalho. A crítica é como se relacionar com o trabalho. Mas o marxismo nunca negou o trabalho, assim como o capitalismo também nunca negou. E quem negou o trabalho? Quem negou o trabalho foram os quilombolas, os indígenas. Quem negou o trabalho foram as pessoas de cosmologias ou cosmovisões politeístas. A partir de 2015, começa a se debater nas universidades uma negação fantástica do trabalho e uma estabilização das relações de vida, começa a se discutir muito mais o ser do que o ter.

É nesse momento que essa juventude entra em cena. Essa juventude entra pela lei das cotas, faz uma graduação, mas a graduação é quase igual para todo mundo. Quando essa juventude entra para a pós-graduação, na pós-graduação é que ela vai ter uma identidade acadêmica, ela quer uma identidade própria. Mas faltava material para a composição dessa identidade e eles vão disputar. E é quando as nossas palavras germinantes chegam. Por incrível que pareça, as nossas palavras germinantes chegam nesse momento na universidade e essa galera cata essas palavras. E hoje eu lhe digo, sem sombra de dúvida, que o contracolonialismo, que no começo era um tema, depois uma denominação, e em seguida, para muitos, chegou a ser estabilizado como um conceito, o contracolonialismo é um conceito para muita gente... Enfim, ele já passou por tudo isso e hoje o contracolonialismo é um movimento. E é um movimento fantástico, porque não é um movimento de ataque, é um movimento de defesa. Eu encontrei uma psicóloga que disse: “Bispo, quando você escreve sobre a cosmofofia, você vai na essência, porque você trata

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

os colonialistas como gente. Vocês não são extraterrestres, vocês são gente, vocês são isso que criticam. Vocês só precisam fazer a autocrítica. Fazem a crítica, mas não fazem a autocrítica”. Na avaliação dela, eu chamei os colonialistas para fazer a autocrítica. Mas eu também chamei a nós mesmos para fazer a autocrítica. A autocrítica é necessária. E essa galera pegou. Hoje recebo uma quantidade de mensagens de pessoas que não leram o nosso livro físico, porque a tiragem foi de 4500 exemplares e hoje estou atrás de recursos para imprimir mais 1000, mas, como ele está liberado em PDF, ninguém tem noção de quantas pessoas já leram esse livro. Eu acho que ele é um dos livros mais lidos no meio acadêmico pela galera cotista, mas não por todo mundo. Eu creio que hoje o grande debate no meio acadêmico, um debate vivo e que é irreversível, é boa parte dele pautado pelos livros de Nego Bispo, Ailton Krenak, Conceição Evaristo e várias outras mulheres negras, como Ana Mumbuca e tal. O povo de cosmovisão politeísta está pautando hoje o grande debate, o debate do ser. Tem uns buscando nomes, denominações como “bem viver”, “ubuntu”, mas seja qual for a denominação, o importante é que se está discutindo o ser: como ser, o que ser, onde ser, para quê ser. O ter está em decadência e o ser, na minha compreensão, está numa situação de crescimento, de consequência.

Entrevistador (Walter): Mestre, eu tenho tentado levantar ultimamente as questões sobre o aquecimento global, sobre o apocalipse, como você disse, considerando as discussões que se relacionam com o problema do colonialismo. Tenho percebido umas três tendências mais claras nesse movimento. Uma delas eu acho que poderia chamar de uma perspectiva pós-colonial e diz que hoje, com o suposto fim do colonialismo mais tradicional, países como Brasil, China e outros que antes compunham o terceiro mundo, têm que ser tratados também como responsáveis pelo aquecimento global. Não seria mais uma questão do norte contra o sul, mas de todo mundo ter que se engajar nisso. Não há que se falar mais nessa diferença entre povos do norte e do sul. Uma outra corrente, talvez eu pudesse chamá-la de decolonial, que faz uma crítica ao pensamento monoteísta, eurocêntrico, mas de uma forma um pouco mais abstrata, mais geral, sem partir de experiências mais concretas, de lutas mais localizadas. E uma terceira corrente que, se o senhor me permite, eu gostaria de chamar de contracolonial, porque ela parte

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

de experiências de militantes, de intelectuais indígenas, afrodiáspóricos. Tem muita gente, muito intelectual indígena dos Estados Unidos, do Caribe, propondo uma discussão sobre o aquecimento global, sobre o Antropoceno, a partir de suas respectivas cosmovisões, a partir das suas lutas e propondo soluções ou críticas de forma bastante situada. Eu senti que neste dossiê que a gente propôs, recebemos propostas menos dessa perspectiva que estou chamando, inspirado no seu trabalho, de contracolonial e mais de uma perspectiva decolonial. Fiquei me perguntando se isso reflete uma forma específica aqui no Brasil de tratarmos desses problemas. Eu queria ouvir de você se acha importante o fortalecimento dessa perspectiva contracolonial no meio acadêmico ou se acha que essa não é uma frente de combate urgente. Mas também pensar por que tem predominado essa visão ainda decolonial, nesse sentido que estou colocando, e menos essa visão contracolonial em trabalhos como esse que a gente está propondo, que tem o objetivo de convidar pessoas para propor novas palavras, palavras germinantes, como o senhor disse. Eu sinto que predomina essa visão mais decolonial, mais genérica. Ao que você atribuiria isso? Ou você acha importante a transformação dessa discussão no meio acadêmico também? Queria ouvir você um pouco a respeito dessas questões.

Antônio Bispo: Eu poderia não discutir a contracolonialidade, discutir o quilombismo. Podia discutir apenas o quilombismo e dizer: “olha, nós somos quilombolas e ponto, você não vai ser quilombola, isso é um problema seu e tal”. Eu cresci ouvindo falar sobre o fim do mundo, sobre o apocalipse. Não nas igrejas, mas nas rodas de conversa, com os mais velhos filosofando sobre isso. No começo, eu sofria muito, me dava um medo danado, tinha hora que eu queria ir dormir e os mais velhos diziam: “não, você vai escutar”. E era tanta conversa feia, vai ser com fogo, vai não sei o que, e eu me incomodava. Mas depois fui vendo que não existe um mundo, existem vários mundos. E fui compreendendo que existem vários apocalipses. Mas o apocalipse é uma coisa eurocristã monoteísta. O apocalipse só existe no eurocristianismo monoteísta. Não existe em outras cosmologias ou cosmovisões, em outras relações de mundo. E o apocalipse, de fato, está acontecendo, porque o mundo eurocristão é um mundo escriturado, é um mundo teórico. A Bíblia é um livro de intenções, é um livro de intencionalidades. As pessoas foram tendo intenções de mundo e foram escrevendo a Bíblia, como eles achavam que o

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

mundo poderia ser, como parte do mundo tinha sido, como parte do mundo ia ser, como reflexo do que tinha sido. É um livro muito bem escrito. Mas é um livro que autoproclamou o seu fim. E isso está acontecendo, muitas das teorias estão acontecendo. Você vê que antigamente as pessoas escreviam para depois falar e falavam para escrever de novo. Hoje as pessoas falam para depois escrever e escrevem para falar de novo.

Então o que ocorreu? A decolonialidade já estava em debate quando nós escrevemos o contracolonialismo, que foi ontem, em 2015. Quando a contracolonialidade chegou, a decolonialidade estava andando. E estava andando como se fosse o grande achado. Quando, de repente, chega um livro, autônomo, que não está em nenhuma editora, que não está em nenhuma loja, que só é vendido em eventos ou distribuído em parceria, um livro que só tem 4500 unidades físicas. E como é que esse livro, depois de 2015, já sacudiu as estruturas ao ponto de ser isso que você disse mesmo? Contracolonialismo hoje é uma corrente. É quilombola. É indígena. É uma corrente politeísta. E a primeira pessoa que escreveu aprofundando sobre essa denominação, essa palavra germinante ou esse conceito, cada quem pode dizer como quiser, fui eu. Não existem, na língua portuguesa, muitos livros antes do nosso falando de contracolonialismo. Talvez não exista nenhum. O contracolonialismo passa a ser agora um conceito quilombista, um conceito que foi replantado por um cara que só tem oitava série. Agora imagina, essa galera da academia, vaidosa do jeito que é, vai apresentar trabalho sobre o contracolonialismo se ela pode, de uma forma bastante cômoda, falar do decolonialismo? Eu mesmo demorei para estabelecer um diálogo entre o decolonialismo e o contracolonialismo. No começo eu debochava e dizia: “eu sei o que é o contracolonialismo, o decolonialismo eu não sei o que é. Quem tem que explicar são os decolonialistas, porque eu não sei. Mostra um acontecimento onde a decolonialidade atuou de forma resolutiva”. E eu perguntava: “que povo no mundo resolveu os seus problemas a partir da teoria decolonial?”. Eu fui fazendo essas perguntas, mas essas perguntas arranhavam as conversas, inviabilizavam o diálogo. Até que eu cheguei num espaço bom.

Se você se sente colonizado e se isso te incomoda, você pode ser uma pessoa decolonial, você pode se descolonizar, é tranquilo para mim, eu vou respeitar. Eu não vou gastar minhas energias te descolonizando, esse é o teu papel. Eu vou gastar minhas energias

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

lutando para não ser colonizado. E como eu não fui colonizado, não posso ser descolonizado. Como é que eu vou desmanchar uma coisa que não foi feita? Eu tenho que ser contracolonizador. A grande diferença entre ser decolonial e contracolonial é que um foi colonizado e o outro não. Aquele que não foi colonizado vai atuar num sistema de defesa para continuar não sendo. E o que foi colonizado, vai ter que se virar para deixar de ser ou para continuar sendo. Eu gosto de dizer que o contracolonialismo é uma trajetória e a decolonialidade é uma teoria, assim como é a teoria marxista e como são várias outras teorias. Não tem uma relação histórica, não é uma referência histórica, é uma referência teórica. Mas eu acho que cada quem faz aquilo que der conta de fazer. Eu acho que dá para existir. Os decoloniais são mais radicais, acham que não precisam existir os contracoloniais, mas eu acho que precisa. Tanto precisa que existe. E podem existir também os decoloniais. Eu acho que é tranquilo até o dia que eles se acharem descolonizados, pois aí vão lutar para não serem recolonizados. E nisso vão ter que ser contracolonialistas.

Mas uma das sacadas mais bonitas que eu vi até hoje foi de Ana Mumbuca. Ana Mumbuca é do Quilombo Mumbuca lá no Jalapão. Ela articulou e assinou a primeira dissertação contracolonialista no Brasil. Ela conheceu o nosso livro em 2016, estava no mestrado e já escreveu logo uma dissertação que tem esse título, uma escrita contracolonialista do Quilombo Mumbuca⁶. Na minha compreensão, foi a primeira. Daí para frente, aconteceram vários na UFMG. Só na UFMG eu já participei da banca da Fernanda, que faz menção ao contracolonialismo, participei da banca do Joviano, fantástica, que também faz menção ao contracolonialismo⁷. Participei de várias bancas na UFMG que fazem menção ao contracolonialismo. Hoje o contracolonialismo, através do nosso livro, está na ementa do curso de Teoria Antropológica II do Museu Nacional. Todas as universidades públicas no Brasil estão discutindo o nosso livro, levado pelos alunos ou levado pelos

⁶ SILVA, Ana Claudia Matos da. *Uma escrita contra-colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão* – TO. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, 2019.

⁷ SILVA, Fernanda Cristina de Oliveira. *A gente vive é rodando: movimentos quilombolas que educam com os saberes da confluência*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/58458>.

MAYER, Joviano Gabriel Maia. *De pé na encruzilhada: por uma cartografia contra-colonialista*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35771>.

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

professores. É para lhe dizer que eu compreendo os decoloniais. Não é fácil, é muito duro para eles, sabe? É de sofrer ter que reconhecer que um quilombola, nascido no Piauí, considerado o estado mais atrasado do Brasil, na caatinga, no bioma mais discriminado, que só estudou até a oitava série, colocou um conceito tão potente como o contracolonialismo. Muita gente não escreve por acanhamento, e às vezes por vergonha. Sim, tem gente que tem vergonha de mudar. Mas não é que eles não concordem, não é que eles não gostem. O próprio Malcolm Ferdinand, nós conversamos muito, e ele não conhecia esse debate sobre contracolonialismo⁸. Ele escreveu a capa do nosso livro reconhecendo o contracolonialismo como um debate necessário nesse momento⁹. Mas é bom que tenham vários debates. Não somos mono. Se surgir outro debate, desde que se questione o colonialismo, está de bom tamanho.

Agora, essa galera que discute o pós-colonialismo vai demorar muito a se consolidar num espaço, porque o pós-colonialismo é o fim. Não é uma reedição do colonialismo. O pós-colonialismo é o fim do colonialismo. Assim, quando for, não será preciso mais se falar de colonialismo. Mas eu não acredito que nós vamos chegar nesse espaço do pós-colonialismo. Vamos chegar num espaço de confluência e num espaço de compartilhamento. Não vai dar para a gente confluenciar com o colonialismo, mas vai dar para compartilhar algumas coisas, porque ninguém é de todo só bom e ninguém é de todo só ruim. Enquanto os colonialistas tiverem dinheiro para pagar, para eu fazer palestra falando mal deles, acho que eles estão avançando bastante, desde que paguem para eu falar mal deles nos espaços deles. E desde que eu fale também de forma carinhosa, porque eu falo mal, mas falo mal com afeto. Eu acho que está faltando muito afeto mesmo quando a gente vai criticar. Mas eu concordo com você: o contracolonialismo é hoje uma corrente e uma corrente irreversível.

Entrevistador (Edgar): Eu estava ouvindo o Walter e depois o Bispo e lembrei de algo que aconteceu recentemente em uma aula minha. Alguém na aula falou sobre o fim do

⁸ Um exemplo desses diálogos entre Antônio Bispo dos Santos e Malcom Ferdinand pode ser encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=7RCuzE6b83k>

⁹ Texto de orelha de Malcom Ferdinand em SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

mundo, o Antropoceno ou algo assim. Eu fiquei pensando: “em quais lugares do mundo alguém pode chegar e falar assim sobre o fim do mundo, que é um acontecimento da maior gravidade, não?”. A universidade é esse lugar no qual alguém pode assistir uma pessoa falar sobre o fim do mundo, retornar para a casa, e no dia seguinte voltar para a própria universidade como se nada de muito grave tivesse sido dito. É um efeito do saber sintético, é transformar o fim do mundo em uma coisa banal, como se ele não exigisse de nós, que estamos na universidade, nenhum movimento de mudança mais radical daquilo que acontece dentro da universidade. A gente volta e continua fazendo as mesmas coisas que fazíamos no dia anterior. É a transformação disso numa espécie de grande abstração, em algo muito pouco resolutivo. Eu me lembro do Bispo lá na casa da Rainha Belinha, no Reino 13 de Maio, dizendo algo que nunca esqueci: “eu não sou uma tese”. Quando eu vejo algumas pessoas falando sobre o fim do mundo, eu vejo a transformação do fim do mundo em uma tese. Elas não se tornam capazes de extrair disso forças para poder mudar o que tem que ser mudado nessa ecologia situada que constitui o mundo acadêmico. Os saberes sintéticos têm essa capacidade de transformar tudo em algo abstrato, impedindo que as ideias germinem ou façam germinar.

Antônio Bispo: Só uma observação nesse sentido. Eu lembro que a primeira vez que eu disse que não era uma tese foi em Goiânia. A gente estava num evento, o Congresso Internacional de Etnomatemática, e nos primeiros dias do evento eu andava com o José Jorge Carvalho, o Kabengele Munanga, uma galera poderosa, como nós lá em Boa Vista. E nesse primeiro dia eu circulava no meio de todo mundo. Eles foram embora e eu fiquei sozinho. É como se eu tivesse desaparecido do evento. Mesmo eu estando no mesmo hotel, pegando o mesmo ônibus, indo para o mesmo restaurante, indo para as mesmas plenárias, ninguém me via nem me ouvia. Eu fui fazer a minha fala e quando terminei uma moça disse assim: “mas como você é tão egoísta, está esse tempo todo no meio de nós e se isola, se priva de nós, de compartilhar conosco esse saber?” Eu falei: “como assim moça? Eu estava no mesmo ônibus, no mesmo restaurante”.

Mas à noite, antes desse momento, teve uma confraternização. E foi paga a confraternização. Eu cheguei primeiro. Meus amigos já tinham viajado e fiquei sozinho numa mesa. A coisa foi tão estranha que até os garçons ficaram preocupados. O garçom

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

chegava assim: “moço, tudo bem com o senhor?”. “Tudo bem”. Eu sozinho numa mesa. Então levanta uma pessoa do Amazonas, não lembro o nome dele, e diz assim: “Nego Bispo, por que você está sozinho nessa mesa?”. Foi aí que veio a frase: “porque eu não sou uma tese, porque as outras mesas estão compostas de teses e dos seus teóricos, dos seus orientandos e dos seus orientadores. Como eu não sou orientando nem orientador, estou sozinho”. Eu lembrei dessa história em uma mesa com o Ailton Krenak. Quando o Ailton Krenak fala em ideias para adiar o fim do mundo, não é o fim do mundo, é o fim de um mundo. São ideias para adiar o fim do nosso mundo¹⁰. Vocês não sabem, mas eu e o Krenak já fizemos um combinado. Ele trabalha com as ideias para adiar o fim do nosso mundo e eu com as ideias para antecipar o fim do mundo colonialista. Ele gostou tanto que citou agora no livro dele: “o mundo cujo fim eu quero adiar não é o mundo desses canalhas, esse aí eu quero que acabe à meia-noite” (risadas).

Entrevistador (Edgar): É uma confluência.

Antônio Bispo: A gente mesmo acaba colocando essa abstração, mas depois volta atrás. Mas você tem toda razão. Os saberes sintéticos precisam abstrair tudo, inclusive o fim do mundo. Mas quando eu digo que está acontecendo esse apocalipse é porque de fato está. Esse povo das teorias não tem mais o que fazer. E nós somos o povo escolhido, porque nós nos escolhemos, nos autoescolhemos. O que vai acontecer? Daqui para frente cada vez mais se vai discutir cosmologia, diversidade, politeísmo e cada vez mais as relações vão ser outras. Como dizia Mãe Joana e muitas mestras: “tudo há de acabar como começou”. Só que esse acabar não é chegar ao fim. É concluir, é de conclusão. Porque quando a gente diz assim: “fulano acabou de fazer a roça, fulano acabou de fazer a cerca, fulano acabou de fazer a casa, a gente não pergunta – fulano já acabou de fazer aquela casa?” Esse acabar sobre o qual o nosso povo fala é aquela história de você pegar a língua portuguesa e driblar. Não é acabar de destruir. Não é acabar de chegar ao fim. É o acabar de concluir. Entende? “Tudo há de acabar como começou” diz o seguinte: a conclusão é que o começo vai voltar. É começo, meio e começo. Nós estamos no novo começo. Estamos no começo da reedição das trajetórias. Estamos no começo do

¹⁰ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

replanteio das palavras. Estamos no começo das novas relações, das relações diversas e do respeito. Convenhamos, tem muita violência acontecendo, mas essas mesmas violências sempre aconteceram. O que mudou foi a comunicação dessa violência. Tudo o que acontece hoje é notícia. Antigamente não, acontecia e a gente não sabia. Mas o mundo está caminhando para momentos muito mais harmoniosos, para momentos muito mais relacionados.

Entrevistador (Natalino): Muito bom. Seguindo essa perspectiva, essa ideia de acabar para concluir, gostaria de retomar um pouco aquilo que você falou lá no início, em relação ao seu vínculo como sindicalista. É que ali, naquele momento, nas décadas de oitenta, setenta, sessenta, muito mais voltado para uma dimensão marxista, revolucionária, de que a classe operária seria aquela que daria conta de um certo universalismo, ela seria esse universal para juntar as pessoas, para acabar de concluir o fim do capitalismo, o fim deste mundo. Eu queria saber, te escutar um pouco mais, sobre como você percebe esse pensamento de fronteira contracolônia, se esse deslocamento do ter para o ser consegue abarcar as diversas lutas emancipatórias. Quando nós fizemos esse resumo, a gente tentou contemplar, não sei se fomos felizes ou não, esse movimento de várias lutas emancipatórias, quilombolas, indígenas, negras e tantas outras. Eu queria te escutar, retomando o início quando você falou que foi sindicalista e não estava satisfeito com aquela repetição, com aquele repertório. Enfim, queria te escutar um pouco mais sobre se esse pensamento da fronteira contracolônia, focado numa dimensão do ser, consegue abarcar essas diversas lutas emancipatórias com as quais estamos hoje, cada um de nós, envolvidos.

Antônio Bispo: Ótimo. Eu faço parte da coordenação estadual das comunidades quilombolas no estado do Piauí. Acabei de receber um convite para, no dia 10, me encontrar em um quilombo, porque vai acontecer a renovação da diretoria de uma associação estadual que nós temos, um CNPJ. Eu falei: “olha pessoal, eu não vou. Eu não estou mais vivendo na institucionalidade. Eu vivi isso no tempo do movimento sindical. E depois, com essa idade, eu não estou mais na vanguarda, eu sou da retaguarda. Eu sou para dar suporte. Não preciso mais assumir determinadas atividades, porque se eu

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

assumir vou muito mais prejudicar do que contribuir”. Se eu estivesse no movimento sindical, não poderia dizer isso. Porque no movimento sindical existem umas regras estatutárias, institucionais que me fariam atender o convite. E se o movimento achasse que eu tinha que estar na linha de frente, eu tinha que estar, mesmo não me sentindo bem. No movimento quilombola, não. É aí que está a grande questão.

Por que os quilombos ainda existem? Por que os povos indígenas ainda existem? Porque somos povos diversos e não universais. Quem nos sustenta é a diversidade e não a universalidade. Nós não queremos consertar os mundos, porque se quisermos consertar o mundo dos outros, vamos ser colonialistas também. A grandeza de ser contracoloniaalista é a de querer consertar apenas o seu próprio mundo, porque consertar o mundo alheio é colonizar. Para nós, pouco importa se o quilombo mais próximo de nós aqui está negociando com a linha de transmissão para passar dentro do território deles. Eles é que sabem o que aquilo vai significar. Agora, se eles me chamarem: “olha Nego Bispo, nós não queremos que a linha passe, queremos contar com a sua ajuda” – aí eu vou porque fui convidado. Mas se eu não for convidado, não vou lá me intrometer. A gente, enquanto quilombola, se respeita nesse sentido. O contracolonialismo é um movimento diverso. É um movimento da diversidade. É um movimento de vários mundos. O que nós queremos consertar é apenas o nosso mundo.

Por exemplo, o Edgar tem uma pele que eu gosto de chamar de amarelada, o Zé Jorge e a Júnia Torres também, mas a Makota Kidoiale, a Belinha e o Gil Amâncio têm a pele escura. Eu dialogo com pessoas das diversas tonalidades de cor de pele, porque para mim não é apenas a pele. A pele também tem a ver, mas cada pele tem um tato. Ontem um jovem me perguntou como é que foi a minha aprendizagem. E o que eu falei para ele? “Olha, quando eu ainda nem engatinhava, já era levado para a roça. Lá na roça as pessoas iam fazer as coisas e eu ficava deitado numa rede, com as crianças maiores brincando ao redor e sempre observando como é que eu estava na rede, comunicando para os mais velhos”. Mas por que eu ia para a roça daquele tamanho? Para exercitar a audição. Daquele tamanho eu não falava, não andava, mas eu escutava. Então eu ia exercitar um dos meus sentidos, que era a audição. Quando eu comecei a engatinhar, a arrastar pelo chão, a fazer os primeiros movimentos, eu tocava na terra, com a pele na terra, e tudo o

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Negro Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

que alcançava com a mão, eu pegava e levava para a boca ou levava para o nariz. Eu estava exercitando o tato, o paladar e o cheiro ao mesmo tempo. Ou seja, eu já tinha exercitado a audição e agora eu continuava exercitando a audição, junto com o paladar e o tato. E quando comecei a falar e a andar, eu me movimentava muito mais. Além de continuar exercitando todos esses sentimentos, eu exercitava os relacionamentos.

As crianças, quando veem um outro animal, elas se aproximam. Dependendo da relação, da reação daquele animal, elas correm ou tocam no animal. Tudo aquilo que as crianças virem em movimento, elas se movimentam ao redor. Isso é um exercício de relacionamento. Todos os seres vivos fazem isso. É um processo de criação fantástico. Então, quando você chega a uma determinada fase da sua vida, você já exercitou todos os sentidos. A criança que é criada no condomínio fechado, não faz esses exercícios. Ela não exercita o tato, a audição, as relações, o paladar, o cheiro, até porque as mães não deixam a criança levar qualquer coisa para a boca. Na roça pode. Por incrível que pareça, pode. As crianças não vão morrer por isso. Elas vão saber se podem ou não podem botar aquilo na boca. Elas botam uma vez e, se não gostarem, não botam nunca mais. Mas elas vão descobrir isso através dos relacionamentos e não da educação. Eu estou colocando isso para dizer que os relacionamentos se dão no nosso mundo, no nosso ambiente.

Quando você fala do racismo ambiental, naquela pergunta anterior, primeiro eu trato o racismo ambiental numa outra dimensão, com outros seres juntos. O que eu chamo de racismo ambiental? É você dizer que a Amazônia é o bioma mais importante do mundo e esquecer a Caatinga. Por que a Amazônia é mais importante do que a Caatinga? Se você coloca a Amazônia como o bioma mais importante do mundo, você coloca todas as vidas que estão lá como mais importantes do que as outras. Isso é o que eu chamo de racismo ambiental. Não é só porque eu sou do quilombo ou da favela, ou da periferia, que sou tratado desse ou daquele jeito. Não. Eu vou mais longe, porque o racismo também tem que envolver as outras vidas. O racismo também tem que envolver as plantas. Por exemplo, o umbu, nativo da Caatinga. Tudo que você faz com a uva, você pode fazer com o umbu. Aliás, com o umbu você faz até mais coisas do que com a uva. Mas por que a uva tem um tratamento privilegiado e o umbu não? Porque o umbu não pode ser universalizado. O umbu não vai dar em todos os lugares. A uva dá. O colonialismo

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Negro Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

também é isso. Nós temos plantas leguminosas na Caatinga, mais ricas em proteínas do que várias outras no mundo, mas que não são comerciais porque só dão na Caatinga. Quando você fala de racismo ambiental, para mim você tem que começar discutindo os biomas para consecutivamente discutir quem vive nos biomas. E aí sim você vai fazer um debate de relacionamentos, e nesse debate de relacionamentos é que você vai estabelecendo quem deve viver onde, como, para quê. É um pouco isso.

Mas eu volto a insistir que a gente não pode querer consertar o mundo alheio. Como é que eu vou consertar a China? Se eu não sei o que o povo da China gosta, deixa o povo da China lá. Se a China é ditadura ou democracia, deixa o povo de lá resolver. O que eu tenho a ver com isso? O que eu tenho a ver com essa guerra entre a Rússia e a Ucrânia? Não, deixa lá entre eles. Enquanto eles estão lá nessa guerra, eu estou aqui, numa rede bonita, conversando com vocês, fortalecendo os nossos relacionamentos, aumentando as nossas amizades. Deixa eles lá, mas, se nos chamarem, aí eu vou. Mas vou para dizer: “rapaz, baixa essas armas, se abraça e vamos tocar a vida”. Eu não vou levar mais uma arma. Se for para levar mais uma arma, eu nem vou.

No dia em que falarmos muito bem da nossa vida até cansar, no dia em que falarmos bem de nós até cansar de falar bem de nós, vamos passar a falar bem dos nossos amigos, até cansar de falar bem dos nossos amigos. Aí vamos passar a falar bem dos nossos conhecidos, até cansar de falar bem dos nossos conhecidos, e então vamos passar a falar bem dos nossos inimigos. Quando todo mundo só falar bem de todo mundo, o mal não existirá. Tem um povo que vive de falar dos defeitos dos outros ao invés de falar das suas qualidades. Hoje eu estou dizendo que nós precisamos alimentar as nossas ancestralidades, alimentar as nossas trajetórias, e alimentar as nossas trajetórias é falar bem delas.

Entrevistador (Edgar): Perfeito. Te ouvindo agora lembrei de algo que o Cacique Babau Tupinambá, da Serra do Padeiro, disse (e sei que vocês têm se encontrado). Em um diálogo sobre o “bem viver”, ele disse algo como “o bem viver só existe quando não apenas você está feliz, mas todos em sua volta também”. Ele se refere aos animais, aos pássaros, às pessoas etc. Ou seja, a felicidade tem que ser coletiva. Se você está feliz, mas

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

o seu vizinho está revoltado, que felicidade é essa? Ao contrário do que acontece no contexto colonialista, em que a felicidade foi segmentada, separada, privatizada, eu acho que há aqui uma compreensão contracolonialista da felicidade.

Antônio Bispo: Isso. Eu estou vivendo um momento, sempre vivi bons momentos. Nesse momento, o meu neto Norberto Máximo está estudando técnico em administração no Instituto Federal do Piauí, o IFPI, a cinco quilômetros da comunidade. Eu peguei um barzinho que nós temos na roça do quilombo e entreguei para ele gerenciar. Ele está com quinze anos. Falei para ele: “já que você vai estudar técnico em administração, você vai logo gerenciar o barzinho. Tome aí. E eu não quero me meter em quase nada, a não ser quando você me chamar”. Ele me chamou e falou: “Vô, o bar estava se sustentando, mas nesse período agora não vai se sustentar”. Disse a ele: “Eu já sabia. Esse período agora é um período muito crítico”. Ele respondeu: “Pois é, mas a gente tem que conversar, porque eu estou aprendendo lá no colégio que um funcionário, ao trabalhar a metade de um mês, já tem que ter gerado o suficiente para pagar o salário dele, porque a outra metade do mês ele vai ter que trabalhar para o patrão”. Eu falei: “mas você sabe que é contra isso que eu luto, né?” Ele disse: “é, eu só estou dizendo que no sistema capitalista é assim”. Eu falei: “pois no sistema quilombista é o contrário. No sistema quilombista, quando um funcionário trabalhar a metade de um mês, ele tem que ter gerado o salário dele daquele mês e o salário do mês que ele não gera nada, porque o que ele não pode é ficar com fome. Então aqui é diferente. Quando gerar mais tem que guardar para quando gerar menos. Porque você, que é o gerente, também tem que gerar o seu. O funcionário vai gerar o dele, você vai gerar o seu”. Eu conversava sobre isso ontem com um cliente lá no barzinho e ele festejava. “Por isso a gente gosta de vir para cá, porque aqui é de outro jeito”. A gente precisa, aos poucos, ir concordando com o Babau.

Meu querido, eu posso dizer para vocês que hoje tem uns acontecimentos que valem a pena. O Kilombo Tenondé em Valença, na Bahia, com uma das coordenações de Mestre Cobra Mansa, é uma coisa fantástica, que vale a pena ver. Essa história do Assentamento Terra Vista, com uma das coordenações feita por Joelson, a Teia dos Povos, é uma coisa fantástica. Cacique Babau é sem medida, não somente ele, o Cacique Babau, mas a luta de retomada com a participação dele. E tem um debate que eu já ouvi da boca de Joelson,

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

mas ouvi também da boca de mais pessoas. O que essa galera está fazendo no sul da Bahia, na Mata Atlântica é muito, mas é muito! Eu ouvi Joelson dizendo que quando eles conseguirem beneficiar apenas o que a natureza oferece na Mata Atlântica, eles vão triplicar o PIB do Brasil. Isso não é qualquer coisa não. Isso merece uma reunião com o conselho de economistas do Brasil, porque ele não está brincando. Ele está dizendo: “Bispo, não vende baga de cacau, vende chocolate; não vende só o azeite de dendê, vende todos os produtos e subprodutos”. É desses movimentos que temos que falar. Em vez de falar da guerra da Ucrânia, vamos falar do Terra Vista, do Kilombo Tenondé, da retomada, dessas frases lindas de Babau, vamos falar das coisas boas que estão acontecendo no mundo inteiro. E aí, meu querido, vamos caçar um jeitinho de armar a rede num desses mundinhos pequenos e deixar o mundo grande se acabar. Não somos obrigados a consertar o mundo grande porque dá trabalho demais. Vamos consertar o mundo pequeno que o trabalho é menor.

Entrevistador (Edgar): No Assentamento Terra Vista eles estão contracolonizando o cacau, o chocolate. Joelson fala de uma geopolítica do chocolate.

Antônio Bispo: É, exatamente.

Entrevistador (Walter): Eu estava pensando um pouco naquela pergunta do Edgar sobre a universidade, de representar muito mais um tipo de saber sintético. Tem também uma palavra no seu livro que me chamou muito a atenção, que é a biointeração festiva. Você fala de biointeração, mas fala também dessa dimensão festiva dela. Em que medida será que a universidade poderia, para superar um pouco a banalização dessas discussões que a gente está fazendo, como o Edgar colocou, se tornar um pouco mais festiva? Queria que você falasse um pouco da festa como um aspecto da contracolonização.

Antônio Bispo: Uma das questões necessárias e urgentes é desmercantilizar as festas. A gente precisa separar, por exemplo, a arte. A arte é a metodologia, o instrumento ou o meio, mas a arte é uma componente da festa. A arte é uma componente da festa e o artesanato é uma componente do mercado. A gente precisa separar o que é arte e o que é artesanato. A arte é a alegria, o artesanato é mercadoria. A gente precisa ensinar cada

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

vez mais a cantar, ensinar cada vez mais a tocar, para que uma pessoa não precise cantar de pagamento. Para que as pessoas cantem de entretenimento, de satisfação, de comunicação, e que, para se alimentar, elas façam outras coisas. Não precisa vender a cantoria, precisa compartilhar a cantoria. Antigamente era assim. Ainda tem lugar na Caatinga que é assim. Tem lugar na Caatinga que você convida um sanfoneiro para segurar a festa, mas vão cinco, seis sanfoneiros, e cada um toca um pouco. E aquele que toca para segurar a festa nem precisa de tanto dinheiro assim, porque ele também vai dançar, comer, também vai festejar. Ele participa da festa. Ele toca para os outros e os outros tocam para ele. É assim que os pássaros fazem. Um pássaro canta para o outro e o outro canta para ele e para si também. Ele canta para si e para os outros. Os outros cantam para si e para ele. É simples demais. É desmercantilizar os saberes. Aos poucos também, não precisa desmercantilizar tudo de uma vez, mas é preciso desmercantilizar. E desmercantilizar aqueles que forem mais fáceis de desmercantilizar.

A primeira coisa é quebrar essa linearidade da arte. Eu tenho uma declamação que foi feita para o festival de inverno da UFMG que diz isso. “Quando nós falamos tagarelado e escrevemos mal ortografado, quando cantamos desafinado e dançamos descompassado, quando pintamos borrando e desenhamos enviesado, não é porque estamos errando, é porque não fomos colonizados”. Essa história de todos os corpos dançarem do mesmo jeito, não dá. Cada corpo tem que dançar de acordo com a vibração da sonoridade. Cada voz tem que ser de acordo com as cordas vocais que você tem, com a sua relação. A gente precisa quebrar esse certo e errado da arte. E quebrando o certo e o errado, a gente desmercantiliza a arte. Desmercantilizando a arte, a gente compõe a festa. A biointeração é o compartilhamento das vidas, das festas e dos festejos.

Entrevistador (Edgar): Te ouvi contando a história da roça, como você foi para a roça antes de engatinhar, e lembrei de você dizendo que a roça é o lugar no qual mais gosta de pensar, de imaginar, de criar. Eu também já te vi falando que muitas dessas imagens, dessas palavras, como confluência, transfluência, tem um caminho mais curvo, mais sinuoso, que são palavras que te ocorreram observando as águas, o rio, o curso do rio. Queria perguntar se você concordaria se eu dissesse que a tua maneira de falar, o teu

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Negro Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

jeito de pensar, depende, por um lado, de um vínculo muito profundo com a terra e, por outro, de um movimento como aquele das águas? Quando converso com alguns amigos que te conhecem, tenho também a sensação de que muitas vezes você não está naqueles lugares em que a gente imagina que você vai estar. Há um movimento que me lembra muito o movimento do Jucá, uma arte que, do meu ponto de vista, tem muito a ver com o teu estilo, com o teu jeito de falar. Nesse sentido, eu também diria que o teu livro é como o movimento do Jucá.

Antônio Bispo: Eu concordo contigo e tem uma coisa interessante. O primeiro livro, que é um amarelinho que pouca gente conhece, ele se chamava assim: “Quilombos, Modos e Significados”. Mas eu escrevi de forma circular. As pessoas pegavam o livro e ficavam rodando para saber onde começava o título. Se começava em quilombos, em modos ou em significado. Eu dizia: “significado, modos e quilombos; quilombos, modos e significado; modos, significado e quilombos”. E ficava nessa confusão toda. O outro se chama “Colonização, Quilombos, Modos e Significações”. Mas eu acho engraçado que até hoje, principalmente esse povo de cerimoniais, quando vão me apresentar nos eventos, dizem: “Modos, Colonização, Quilombos e Significados”. É um truque. Esse dito acaba pegando as pessoas.

Mas é isso, Edgar, você tem razão. Para onde eu vou, o Quilombo vai junto. E quando ele não vai, eu fico visitando ele o tempo inteiro. Aqui, nesta conversa, eu já fui várias vezes ao Vale do Rio Berlengas. Quando falava do ranchinho, eu estava vendo lá a casinha de palha feita de coco babaçu, com seis forquilhas, com as linhas de tucum. As imagens são muito presentes na minha vida. Eu falo de memória. Então estou sempre alimentando essas memórias, visitando essas memórias. Sempre, sempre. Eu tenho dificuldade de pensar fora da roça.

Para você ter uma ideia, esse livro que nós estamos escrevendo com a Companhia das Letras, conversando sobre ele com a Taís, com a Taís Garone, eu gosto de escrever com ela, eu falei: “Taís, vamos montar a estrutura do livro. Vamos imaginar uma construção. O texto original vai ser a fundação de uma casa. As paredes até o pé direito vão ser as lives que eu já tenho, que vão ser transcritas. As lives vão ser como se fossem os tijolos. E a conclusão final vai ser um texto original, mas vai ser o teto. Vai ser um misto de live e

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Negó Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

texto original, vai ser o teto”. Tranquilo, pronto. Escrevi o texto original e começamos a transcrever as lives. O livro já estava quase pronto. Encontrei recentemente com a Taís e falei: “Taís, me surgiu uma pergunta. Fizemos o baldrame, a fundação da casa, as paredes até o pé direito e agora fizemos o teto. A casa está pronta. A pergunta é: “quem vai morar?” Está muito paternalista. Eu construí uma casa e agora estou caçando quem vai morar nessa casa? Desmancha tudo e vamos começar de novo. Agora vamos começar pela roça. O texto original é a preparação do terreno para fazer a roça. É a preparação do solo. As lives, até o pé direito, são as sementes. Uma parte do teto que tem madeira são os traços culturais e a outra parte do teto são os frutos. Agora a pergunta é: “quem vai colher?” Aí sim! Fazer uma roça e chamar o povo para colher a roça pronta, eu topo, mas fazer uma casa e chamar o povo para morar, não vai. Você vê que eu não conseguia andar vendo a imagem da construção, mas na hora que eu botei a imagem da roça a coisa fluiu. Eu não consigo pensar fora da roça, não consigo pensar fora das águas, da terra, fora da natureza. Não consigo. Eu preciso desses relacionamentos naturais para poder pensar.

Entrevistador (Natalino): Perfeito. Muito bom. Tendo em vista as suas memórias, essa dificuldade de pensar fora da roça, nós costumamos dizer por aqui, no nosso mundo pequeno, que o nosso futuro é ancestral. Nesse sentido, levando em consideração as suas contribuições para esse mundo pequeno, como você gostaria de ser lembrado, Bispo?

Antônio Bispo: Eu disse uma vez declamando, mas vou dizer agora sem declamar. Tem um livro indígena que se chama “Cartas para o Bem Viver”¹¹. Os povos indígenas pediram que cada pessoa que eles conheciam e de quem eles gostavam, escrevesse uma carta. Eles publicaram um livro só de cartas. E eu escrevi uma carta da minha geração avó para a minha geração neta. Eu adorei essa carta. Ela está lá no livro. Quando eu era criança, eu escrevia muitas cartas dos outros para os outros. Cartas de amor, cartas de todo jeito. Eu pensei: vou escrever uma carta da minha geração avó para a minha geração neta. Eu tenho dito que se uma criança nunca brincou de ser você, você precisa rever o seu modo de vida. Eu gosto muito de ser lembrado pelas crianças brincando de ser eu. E isso tenho

¹¹ COSTA, Suzane Lima; XUKURU-KARIRI, Rafael (orgs.). *Cartas para o bem viver*. Salvador: Boto-cor-rosa livros, arte e cará; paralelo 13S, 2020.

“Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Natalino Neves da Silva, Walter Francisco Figueiredo Lowande

vivenciado muito. Mas, quando fisicamente eu não estiver mais aqui, eu iria gostar muito se a minha geração neta me citasse. Se a minha geração neta me citar, eu vou me sentir satisfeito.



Recebida em: 27/09/2023

Aprovada em: 29/09/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 24 - Ano 2023

revistapercursos.faed@udesc.br